



Práticas e técnicas da agricultura urbana em Florianópolis *Practices and techniques of urban agriculture in Florianópolis*

SAGAE, Erika¹;

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, erikasagae@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Agricultura urbana

Resumo: Este trabalho busca trazer reflexões acerca da produção na cidade e suas características quanto às dinâmicas que se relacionam para além da produção de alimentos. Além disso, expressar a importância do debate da renda não monetizada na agricultura urbana e de que forma podem contribuir para a segurança alimentar da família e uma economia. Metodologicamente o trabalho estabelece relações com as experiências em curso na cidade de Florianópolis e sua relação com a Agroecologia. As hortas urbanas cumprem um papel de socialização, geração de renda e pela proximidade com o centro urbano, se torna uma vitrine de experiências e práticas como espaços de formação e educação ambiental.

Palavras-chave: renda não monetizada; políticas públicas; espaço da/na cidade.

Introdução

As práticas agrícolas no contexto da cidade, para além da produção de alimentos, interagem com formas de sociabilização e interação comunitária, gerando benefícios que vão além da alimentação, demonstram-se como práticas de integração cultural e muitas vezes são motivadas pela preocupação ambiental. A construção de políticas públicas de agricultura urbana acompanha esse processo de mobilização social e vem acontecendo de forma simultânea, entre a prática e a construção de uma legislação (ALMEIDA, 2016). Também por isso tem despertado interesse e pesquisas, que podem tanto contribuir nessa construção como fornecer informações sobre as mudanças que vêm se desenvolvendo nas cidades, antes vistas apenas como mercado consumidor. A agricultura urbana abarca desde a compostagem, cultivos de cogumelos, processamentos de alimentos, em proporções muitas vezes em menor escala, práticas sustentáveis de produção e processos de transição agroecológicos.

Em Florianópolis, identificamos e classificamos algumas modalidades de práticas, sendo elas: quintais produtivos, geralmente com a finalidade para o autoconsumo; e hortas institucionais, em espaços públicos, como escolas, creches, centros de saúde, Centro de Referência e Assistência Social -CRAS, Universidades, parques, com finalidades de lazer, convívio social e educação ambiental, produção em maior escala nas extremidades da ilha, pecuária de subsistência e processamento artesanal de farinha de mandioca e cachaça (SANTOS, 2019).

Desde 2015 também se constituiu uma rede local, a Rede Semear de Agricultura urbana, que agrega diversos sujeitos que participam desta construção da agricultura



urbana na cidade. Foi a partir do conjunto de práticas e movimento, que políticas públicas específicas ao tema foram sendo construídas e aprovadas na Câmara dos Vereadores.

Metodologia

O trabalho aqui apresentado fez parte do meu projeto de pesquisa de doutorado, no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, cujo título do trabalho é Agricultura Urbana, cidade e movimento, as experiências de agricultura urbana em Florianópolis. Na tese busquei analisar as experiências de agricultura urbana enquanto movimento e prática em Florianópolis (SC), expondo elementos que a destacam no contexto nacional. Para este trabalho busquei fazer um recorte das discussões e apresentar alguns resultados que foram obtidos, trazendo elementos presentes no que se refere a temática da agricultura urbana.

Resultados e Discussão

As hortas comunitárias estiveram vinculadas em momentos históricos diferentes a momentos de crises econômicas como uma forma alternativa de superar a realidade concreta da insegurança alimentar. São movimentos que acontecem nas cidades, difíceis de serem mapeados e identificados, pois podem rapidamente se extinguir, por diferentes motivos, tais como ausência de apoio e desmobilização de participantes, além da questão de muitas vezes serem realizados em espaços públicos ou coletivos, que possuem um proprietário e que, dependendo da demanda que possa vir a surgir, requerem o terreno de volta. No entanto, as hortas comunitárias cumprem um papel de mobilização social que extrapola não apenas a questão produtiva, pois passa a ser um espaço de construção de cidadania, de aprendizados, de desenvolvimento comunitário. O espaço produzido pelas relações sociais, assim como são alteradas pela dimensão espacial, explicam as dinâmicas que perpassam as hortas comunitárias.

As hortas comunitárias em espaços públicos ou privados em Florianópolis estão muito presentes e mobilizam as comunidades do seu entorno. Também necessitam de insumos para sua produção, como o composto e sementes, por exemplo. E cada vez mais estes espaços coletivos vêm crescendo em todo o País, demandando a possibilidade de utilização de espaços públicos ociosos; a assistência por parte dos organismos governamentais e redes locais, para cumprirem seus diferentes objetivos, de produção de alimentos, de socialização, de integração entre as pessoas; e a busca de soluções para questões comuns daqueles que delas participam, que não se limita apenas ao cultivo, ampliando-se para direitos a uma cidade mais humanizada.



O debate da renda não monetária, e que tem relação com a produção para o autoconsumo, está presente na agricultura realizada no meio rural, mas é totalmente alinhada com a perspectiva da agricultura urbana, diante das diferentes tipologias presentes na produção da cidade. Apesar de ser um tema pouco discutido no âmbito acadêmico, alguns autores, como Grisa e Schneider (2008), vêm se debruçando sobre esse tema, a fim de demonstrar a importância desta modalidade de produção, no sentido de afirmar que a produção para o autoconsumo auxilia na melhoria das condições de vida, na segurança alimentar e na economia quando o agricultor deixa de gastar por ter a alimentação garantida a partir da produção.

Em algumas tipologias de agricultura urbana se adequa o conceito de produção para o autoconsumo, pois a produção, muitas vezes para além do consumo próprio, destina-se à doação. A autora faz uma observação que está bastante presente nas práticas urbanas, que é a troca de alimentos entre vizinhos e comunidade, de pequenas produções de árvores frutíferas, hortaliças e sementes.

Um dos aspectos a ser considerado quando estamos discutindo a agricultura no urbano, tem relação justamente com o espaço. A rentabilidade da produção está diretamente relacionada com a produtividade, tendo que demonstrar sua eficiência muitas vezes em espaços menores, se comparados à produção em espaços rurais.

Outra característica marcante, de acordo com, é que o agricultor urbano geralmente acompanha todo o processo, desde a compra das sementes, a preparação dos insumos, o plantio, a colheita, a comercialização, tendo, dessa forma, uma visão da totalidade. Em alguns casos, a proximidade do centro urbano permite que outras atividades ligadas à agricultura aumentem a renda promovendo atividades como visitas à propriedade, por escolas e grupos interessados, além da oferta de cursos e oficinas.

Outro aspecto relevante presente na cidade é o aproveitamento dos resíduos orgânicos para a prática da compostagem é uma ação indissociável na perspectiva da agricultura urbana. Compreendendo que os processos socioespaciais são dinâmicos e envolvem diferentes interesses, no que se refere à produção de alimentos na cidade, consideramos uma cidade em movimento e um movimento na cidade. São interesses sociais, econômicos e ambientais que disputam e criam relações de interação entre os diferentes sujeitos que constroem as cidades.

Na condição de que os espaços urbanos foram pensados, de forma geral, como espaços apenas de consumo e de acesso a mercados, e não como espaços que também poderiam ser de produção, faz-se necessário uma integração aos sistemas urbanos e suas dinâmicas, e também a necessidade de avançar para além da dicotomia campo e cidade, rural e urbano, como antagônicos: urbano e cidade como lugar de desenvolvimento; e campo e rural de atraso.



Para que a agricultura possa existir no espaço urbano, assim como no campo, é preciso haver apoios institucionais, por parte do Governo, por meio de recursos financeiros, criando incentivos, oferecendo assistência técnica, insumos e apoiando a comercialização. Isso se evidenciou na pesquisa desenvolvida a partir da tese e que demonstra a importância da organização de redes locais, onde a sociedade civil e as instituições governamentais deveriam abrir diálogos para que, da produção ao consumo, se pudesse estabelecer a relação da construção social de mercados. O espaço geográfico é também resultante de um processo permanente de construção social (SANTOS, 1992).

No entanto, os custos para produzir alimentos na cidade estão atrelados à renda da terra, onde a especulação imobiliária para a construção de lojas comerciais e pequenos apartamentos de locação temporária está muito presente. Atrelado a isso, se não houver redução dos valores cobrados pelo uso da água e energia elétrica nas áreas de produção agrícola nas cidades, esse coeficiente produtividade e rentabilidade fica muito alto.

Conclusão

A agricultura praticada na cidade não compete com aquela produzida no meio rural, na realidade a complementa, mas o fato é que o meio urbano tem sua dinâmica socioespacial interagindo constantemente com o espaço da produção e criando características e necessidades específicas para o agricultor urbano. Uma delas, seria, por exemplo, o próprio reconhecimento da categoria agricultor urbano, que na atualidade não existe. São realidades distintas de um agricultor familiar que, para atingir esse patamar de reconhecimento, também demorou um tempo, permitindo, dessa forma, que a partir da categorização fossem criadas políticas públicas específicas.

Esse envolvimento de pessoas de diferentes formações faz surgir novas interações, integrando saberes populares e tecnologias próprias dos centros urbanos. Por isso existe a necessidade de se discutir e buscar a caracterização de quem seriam esses agricultores urbanos.

Analisando as experiências de Florianópolis, identificamos um amplo debate que se encontra presente nas questões das delimitações das áreas urbanas e rurais, onde, pelo Plano Diretor vigente, de 2014, Florianópolis é considerada totalmente urbana.

Até certa medida esses agricultores poderiam acessar programas da agricultura familiar, pois a localidade não seria o impeditivo para a obtenção de cadastro de produtor, nem de acessar a DAP – Declaração de Aptidão ao PRONAF, mas o fato de não se enquadrarem nas características mínimas exigidas, por exemplo, de 50% ou mais da renda familiar ser da exploração do estabelecimento. Esse é um debate necessário e que está acontecendo na cidade, pois a caracterização desse agricultor que produz no espaço urbano precisa ser construída.



Por fim, considera-se que as experiências de agricultura urbana em Florianópolis criam uma aproximação com o debate da agroecologia na cidade, oferecendo condições para que haja uma mobilização em torno do tema, ainda em fase de transição, não plenamente nos princípios da agroecologia, mas como processos. São identificadas algumas técnicas, como cobertura de solo e a não utilização de insumos químicos, na grande maioria das experiências locais, mas são necessários alguns avanços ainda no sentido de considerá-las totalmente agroecológicas. A agricultura praticada na cidade permite que momentos de formação, educação ambiental e outras práticas ecológicas sejam conhecidas, quase que como uma vitrine de experiências, oferecendo perspectivas de avanço, sejam no âmbito das políticas públicas, como fortalecimento de redes locais e participação social nesses processos, o que faz da agricultura urbana, uma ferramenta possível de transformação social, caso esses elementos de interação econômica, social e ambiental estejam presentes.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de Andrade. **Isto e aquilo**: agriculturas e produção do espaço na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). 2016. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sérgio. “Plantar para o gasto”: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, SP, v. 46, n. 2, p. 481-515, abr./jun. 2008.

SAGAE, Erika. Agricultura, cidade e movimento: as experiências de agricultura urbana e, Florianópolis, SC. Tese(Doutorado)- Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 3. ed. São Paulo: Editora Nobel, 1992.

SANTOS, Paula C. Favaretto. **Agricultura Urbana no Bairro do Campeche, Florianópolis/SC**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.